



## Por que Greimas?

Elizabeth Harkot-de-La-Taille\*

**Resumo:** Um número reduzido de fatores influencia nossas escolhas acadêmicas. Enquanto estudantes, todos temos inclinações, tais como as disciplinas preferidas; expectativas, por exemplo, no tipo de qualificação que queremos desenvolver; um estilo de pensamento, que contribui para que um se sinta confortável, digamos, com semântica cognitiva, mas não com outras abordagens. Esses fatores orientam nossas escolhas, e contribuem com a construção de nosso repertório. Porém, isso não é tudo. O imponderável pode surgir e reforçar ou redirecionar nossas escolhas anteriores. Por acaso, um dia me deparei com *Semântica estrutural*, de Greimas, livro que não apenas acalmou minhas inquietações estudantis, mas também apresentou novas perspectivas, entre as quais o “mundo natural” como tendo papel no “nascimento” do sentido, e uma discussão inicial sobre a complexidade do conceito de figuratividade, tanto no “mundo natural”, como no discurso. A primeira, figuratividade no “mundo natural”, dizia respeito à informação que os cinco sentidos nos fornecem sobre o mundo, enquanto a remetia às imagens evocadas no discurso. Aqui, a complexidade do conceito de figuratividade é destacada e apresentada por dois pontos de vista. Ademais, sugere-se que a figuratividade é transversal ao percurso gerativo do sentido, proporcionando a “energia” necessária para a conversão de um nível a outro superior (em direção à superfície). A intenção de encorajar tal debate subjaz a maior parte desta contribuição.

**Palavras-chave:** Semântica estrutural, figuratividade, mundo natural, cinco sentidos, conversão

## Introdução

O ano de 2017 foi merecidamente palco de um grande número de celebrações dos cem anos do nascimento do pensador lituano Algirdas Julius (Julien) Greimas. Falecido em 1992, sua obra semiótica sempre foi por ele compreendida como uma construção contínua e coletiva. Desde o início de sua carreira na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, em 1965, investiu em promover encontros periódicos visando a constituir uma equipe de discussões e reflexões teóricas, a fim de juntos construir uma teoria da significação. No início da década de 1970, o modelo de trabalho coletivo se consolidou no estabelecimento do que veio a ser conhecido como “círculo semiótico greimasiano”, cuja função de celeiro teórico coletivo somente começou a sofrer modificações ao final dos anos 1980. Até o presente, a tradição de encontros quinzenais do Seminário de Semiótica, um espaço de discussão e criação teórica, mantém-se, porém, com características básicas distintas das originais.

Landowski (2017) descreve a formação do “círculo semiótico greimasiano” como se constituindo à ma-

neira de uma *totalidade integral*, numa dinâmica de trabalho em que “[...] a participação de cada um adquiriria sentido ao convergir na realização de um objetivo comum [...]” (p. 59): a construção da teoria semiótica. Essa *belle époque* (palavras do autor) do círculo perdurou nos anos 1970-80, até que, antes mesmo da morte de Greimas, as divisões internas, até então subsidiárias ao projeto semiótico do círculo, começaram a se impor, transformando a anterior *totalidade integral* em uma “*totalidade partitiva* justapondo grupos rivais”. Conta o semioticista que o grupo então se fragmentou em “clãs adversários”, caracterizados por “jogos de alianças tácitas entre mandarins, submandarins (palavras de Greimas) e seus fiéis, cada um mais preocupado com sua carreira à medida que a atmosfera de crise econômica que havia se instalado tornava as vagas e os empréstimos mais raros” (Landowski, 2017, p. 62). Em sequência à fase de *totalidade partitiva*, abordagens internas ao quadro epistemológico com *status* de *unidades partitivas* passaram a se propor como “alternativas concorrentes na intenção de renovar, prolongar ou enriquecer a base teórica comum” (p. 62). Como as correntes mais representativas dessa

\* Professora Livre Docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (FFLCH, USP) e uma das coordenadoras do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP). Endereço para correspondência: ( beth.harkot@usp.br ).

tendência, o autor destaca, no mesmo texto, as abordagens ditas semiótica tensiva, semiótica modular e sociosemiótica. Acrescento que é preciso adicionar a essa pequena lista a grande produção de Fontanille voltada às formas de vida, ao corpo, aos vestígios, ao plano de expressão, entre outros.

Até hoje, os descendentes teóricos de Greimas encaram a semiótica como em construção. O caráter *coletivo* é o que mais sofreu modificações, como aponta Landowski e como pode atestar quem hoje acompanha as atividades do Seminário de Semiótica (Paris, França). Ainda local de apresentação e discussão de ideias e desenvolvimentos, ele abriga uma multiplicidade de abordagens, nas apresentações dos palestrantes, sobre um mesmo tema previamente selecionado para o ano acadêmico. Atualmente, um leque de correntes semióticas de origem *greimasiana*, entre próximas e distantes, ou mesmo discordantes do cerne desenvolvido pelo “círculo semiótico greimasiano”, antes o “clube de iguais” (palavras de Greimas), está ao alcance de pesquisadores e estudantes.

O estado da arte, e isso concentrando-nos exclusivamente na semiótica francesa, adquiriu tamanha amplitude e complexidade que pode desnortear recém-chegados ou convidá-los a adotar uma abordagem (*unidade partitiva*) como se fosse toda a semiótica, sem “descer” à base teórica (*totalidade integral*) que a rege. O encurtamento da preparação da carreira acadêmica, as pressões da CAPES e de outras agências de fomento, as contingências acadêmicas (onde se estuda qual autor), sem nos deter nas dificuldades de financiamentos, vão todos no sentido contrário à complexidade e amplitude teórica.

Portanto, escrevo minha parte de homenagem ao mestre lituano tendo em mente estudantes como leitores, da graduação e da pós-graduação. Assim, convido o leitor ou a leitora a uma pequena viagem no tempo, ladeando-me no caminho até completar a resposta que ofereço ao título deste texto: “Por que Greimas?”

## Notas preliminares: quadros de uma exposição

Era novembro de 1971 quando a banda de rock progressivo *Emerson, Lake & Palmer* (ELP) lançou o álbum *Pictures at an Exhibition*, seu arranjo para a obra homônima de Modest Mussorgsky. Nas décadas de 1970 e 1980, muitos adolescentes e jovens amantes de rock tiveram seu primeiro contato com o músico e compositor Mussorgsky de maneira indireta, por intermédio do ELP. Incluo-me entre eles.

Conta-se que Mussorgsky compôs essa obra em homenagem a um amigo falecido, Viktor Hartmann, após visitar uma exposição de quadros deste, montada em

sua homenagem em São Petersburgo, cerca de um ano após sua morte.

*Pictures at an Exhibition* [Quadros de uma Exposição] é uma suíte para piano escrita a partir da seleção de dez quadros expostos nessa ocasião, cada um recebendo um tema musical em harmonia com seu tema visual. Assim, a obra descreve, em metáforas musicais, a visita a uma exposição de quadros. Para tanto, as dez músicas são unidas por uma mesma melodia, chamada *Promenade*, executada no tema inicial e em quatro *intermezzo*, a cada momento interpretada com instrumentos e harmonias distintas. O ouvinte, nessa excursão musical, é conduzido quadro a quadro, como se visitasse a exposição, acompanhando o guia-música, cujos passos na passagem de sala em sala (*Promenade*) se deixam contagiar pelos quadros observados.

*Pictures at an Exhibition* interpretada por *Emerson, Lake & Palmer* abriu duas áreas de visibilidade em meu horizonte: a música clássica, por intermédio de Mussorgsky, tendo me comovido com sua tradução em música daquilo que vi; e as artes plásticas, pela curiosidade sobre os quadros que teriam impulsionado a composição de tal peça musical.



## Outros quadros em exposição

O que pode ter em comum um artigo inserido no contexto de homenagem aos cem anos de nascimento de Greimas com as notas preliminares acima?

Vou tentar mostrar que essa aproximação pode, sim, fazer sentido. Transporte-me de volta aos primeiros semestres de estudo no curso de Letras, lembrados como tendo algo dessa experiência “musicopictórica”.

Meu primeiro dia de contato foi ocupado por uma longa reunião explicativa sobre o funcionamento do curso, recebimento e leitura de vários livretos contendo informações sobre o curso de Letras, suas múltiplas habilitações e currículos. O ingressante podia cursar apenas a habilitação de ingresso, ou escolher mais uma ou duas, embora seu aceite na segunda ou terceira dependia de sua classificação no vestibular. Linguística entrava no mesmo patamar das línguas estrangeiras, divididas em grupos A e B. As línguas do grupo A tinham aulas concomitantes e podiam se compor apenas com alguma do grupo B, língua estrangeira ou linguística, também estas com aulas concomitantes. Escolhendo uma habilitação, seriam necessários “x” créditos, duas habilitações, “y”, três habilitações, “z”; não era possível concluir três habilitações em menos de cinco anos. Hora de preencher o formulário de matrícula. “– Alguma pergunta?”

Havia planejado adicionar linguística à língua estrangeira pela qual ingressei, mas vi nessa hora que eram incompatíveis, pois do mesmo grupo. Pensei em outra língua estrangeira – também incompatível. E numa terceira. Idem. O ponteiro do relógio avançava. O formulário tinha de ser entregue. Tendo sido preenchido dentro da possibilidade de compreensão imediata de tal universo complexo e entregue, selavam-se os quatro ou cinco anos seguintes, se não houvesse reprovações nem desistência.

Nas primeiras semanas, nas Colmeias labirínticas da USP, o primeiro desafio de todo calouro era encontrar a sala para a qual deveria se dirigir. O segundo, adaptar-se à variedade de disciplinas e enfoques, tarefa que levaria no mínimo os dois primeiros anos, mas que poderia não se completar até a conclusão do curso.

O percurso, dado pelo currículo, composto por muitas disciplinas obrigatórias, pré-requisitos e algumas optativas, oferecia pouca oportunidade de escolha, além da cometida no ato da matrícula inicial. Assim, a cada início de semestre, o/a estudante passava de uma nova disciplina a outras conhecendo pouco mais do que seu título, semelhante a um visitante despreparado que passa por quadros de uma exposição seguindo setas do percurso, sem conhecimento prévio, catálogo explicativo ou mapa dos setores. Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Introdução à Linguística, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Latim, Literatura (da língua) Estrangeira (eleita)... Um longo rol de disciplinas, cujas relações iam-se tecendo, quando se teciam, pelo/a aprendiz, na medida em que apreendia e reconstruía para si o ensinado, o estudado e o aprendido, tornava *seu* o conhecimento e, aos poucos, forjava *seu* percurso dentro do caminho determinado pelo currículo, enquanto ia compondo seu repertório. Ou, diferentemente, se o/a aluno/a não fazia sentido do conjunto de disciplinas, tendia a ir embora provisória ou definitivamente.

Para os que permaneciam, várias disciplinas provocavam prazer intelectual, outras, arrepios na espinha, outras, ainda, indiferença; havia disciplinas que exigiam muito – a maioria –, ou exigiam pouco, ou exigiam não se sabia bem o quê, mas não o que fosse reconhecido como matéria dada. Havia, enfim, um *microuniverso*, o recorte “letras” de uma *universidade*, conjuminando professores, assuntos e abordagens para todas as expectativas (ou quase<sup>1</sup>) e também para um tanto de frustrações.

As diferentes reações discentes, variando do êxtase intelectual à revolta ou ao tédio, decorriam e decorrem de fatores vários. Em primeiro lugar, é provavelmente

justo colocar os docentes, todos capazes de habitar a memória de ex-estudantes em associação com paixões distintas. Um bom professor tem o poder de despertar o interesse de seus alunos para se aprofundarem no assunto, enquanto um professor ruim (fraco, injusto etc.) pode com facilidade tornar sua matéria desinteressante, indigesta, incompreensível, sem sentido.

Contudo, ainda que todos os professores fossem igualmente excelentes e mantivessem relações justas e respeitadas com seus alunos, os/as estudantes interessados se dispersariam na eleição de suas disciplinas preferidas. Isso ocorreria por quatro conjuntos de fatores, todos interligados e de importância comparável.

O primeiro conjunto de fatores diz respeito às *inclinações* de cada aprendiz. Uma aluna pode gostar mais de estudar a fundo língua materna do que língua estrangeira, enquanto um colega seu se interessa mais por disciplinas de cunho linguístico; um outro colega pode se sentir mais confortável em discussões literárias, enquanto outra estudante gostaria de entender como, do ponto de vista linguístico, bons textos são construídos etc. O que rege as *inclinações* é provavelmente desconhecido do próprio aprendiz e resultante de um complexo de experiências.

O segundo, muito comunicante com o primeiro, é composto pelas *expectativas* discentes. Um aspirante a tradutor, uma preparadora de livros traduzidos para publicação, alguém inquieto e curioso por questões atinentes à semântica, um futuro professor de ensino médio ou uma estudiosa de obras literárias terão forte tendência de elegerem disciplinas distintas como preferidas e, possivelmente, nas quais se aprofundarem.

Em seguida, vem o que chamo de *estilos de pensamento*, fator que incide sobre a abordagem dos recortes mencionados dentre as inclinações e as expectativas. Por exemplo, tomemos alguém interessado por questões semânticas. Dependendo de onde estuda, o aluno vai se deparar com algumas das abordagens entre semântica formal, semântica lexical, semântica gerativa, semântica cognitiva, mas também com análise conversacional, pragmática, teoria da enunciação, AD francesa (análise do discurso francesa), semiótica, entre outras. Situação equivalente se dará com sujeitos de outros interesses e outras expectativas: dentre as várias abordagens teóricas, algumas se harmonizarão mais com o *estilo de pensamento* de cada um.

Por fim, parte consequência e retroalimento dos conjuntos de fatores anteriores, parte decorrentes das condições de estudo oferecidas, chegamos aos diferentes *repertórios* em construção. Da passagem de disciplina em disciplina – como de quadro a quadro, na obra musical –, parte dos alunos se distrai e até se

<sup>1</sup> Meu primeiro seminário de linguística foi sobre o aparelho fonador. Como é de hábito entre estudantes, dividimos começo, meio e fim entre as três componentes do grupo. Estudamos o tema, discutimos, elaboramos um roteiro. A colega a tomar primeiro a palavra começou dando sua contribuição pessoal: *O aparelho fonador foi criado por Deus, para que os homens pudessem falar e se comunicar*. Silêncio constrangedor. Rubor. Não descarto que tenha vindo daí meu interesse pela paixão vergonha, desenvolvido muito tempo mais tarde.

perde no caminho, parte se apodera do percurso e vai fazendo-o *seu*. Elegendo as disciplinas que lhes são mais estimadas, como as músicas-quadro que mais os (co-)movem, e obtendo pelas escolhas impulso para ir além, sua curiosidade<sup>2</sup> vai convidar cada um do segundo grupo a procurar saber mais, a ver nas disciplinas que lhes sugerem confiança em sua própria competência, ou músicas-quadro inteligíveis ou acessíveis, uma possibilidade de abertura de horizontes. E assim, da semântica alguém pode se encantar pela semiótica, como das músicas interpretadas em rock progressivo é possível aproximar-se da música clássica, das artes plásticas e da instigante proposta de tradução de quadros em música e, para o ouvinte, do desafio do caminho inverso, o da construção do sentido dos quadros, sem os conhecer, por sua apresentação musical.

Anunciei quatro fatores, mas há um quinto que não pode ser desprezado: *o imponderável*. Deixo-o vago porque condiz com sua natureza. O *imponderável* tem o poder de imprimir uma nova direção ao olhar, ou confirmar a direção que vinha se fixando, ou desviá-la em alguns graus... ou, simplesmente, *imprimir uma direção* ao olhar antes dançarino como o beija-flor.

Está evidente que nos aproximamos da semiótica. A linha de pensamento traçada até o parágrafo anterior tem o propósito de sinalizar que uma escolha, por acertada e satisfatória que seja, não implica diminuição do valor de outras escolhas. Nas ciências humanas, ou “protociências”, segundo Kuhn (2006), teorias coexistem, competem, chegam a se opor, sem que alguma adquira hegemonia por “descrever melhor” seu objeto.

Se aceitamos que inclinações, expectativas, estilos de pensamento e repertórios compõem perfis e promovem percursos próximos de únicos, devemos também aceitar que, nas humanidades, não se justificam opções unânimes por uma única vertente teórica, ou por um pensamento único – maneira de dizer que deixa mais claro o caráter insensato e perigoso ligado à hipótese. Portanto, ao prosseguir em direção à semiótica, destaco motivos relacionados a minhas próprias inclinações e expectativas, ligados a meu estilo de pensamento e repertório pessoais. Generalizá-los seria vão.

Letras foi meu segundo ingresso na USP, quatro anos após o primeiro, em exatas. Durante a graduação, irmanava-me àqueles alunos mais voltados a línguas e estudos linguísticos. Gostava muito de ler obras literárias, apreciava muitos dos professores, porém, não raro encontrava dificuldade nos trabalhos de literatura. Enquanto nas disciplinas de línguas estrangeiras e de estudos linguísticos eu tinha clareza

sobre o que e como estudar, com literatura era diferente. Semestre após semestre, a cada novo professor de literatura, alguns brilhantes, um outro modo de encarar o texto literário se colocava. Com um professor, o semestre foi dedicado à busca de evidências de crítica social nas obras estudadas. Com outro, um ferramental psicanalítico guiou leitura e análise. Em outra experiência, o crivo de leitura era a luta de classes. Em outra, ainda, o foco eram as características que faziam com que uma obra fosse categorizada como romântica, parnasiana, simbolista etc. Em outros momentos, a leitura e análise das obras seriam guiadas por uma perspectiva antropológica, psicológica, sociológica, histórica, comparativa.

Meu interesse na literatura era diferente das abordagens oferecidas, pois residia nas obras em si. Eu queria entender como e porque simpatizamos com uma personagem e não com outra, porque era doloroso ler *Pai Goriot*, isto é, porque a leitura dava vontade de entrar na obra e chacoalhar o pobre pai abusado pelas filhas, para ver se despertava e agia de outro modo. Queria encontrar o que, no texto, fazia com que eu e colegas nos alegrássemos com o destino de Elizabeth e Sr. Darcy, protagonistas de *Orgulho e Preconceito*. Queria entender o porquê de minha exasperação diante da queda contínua e inevitável de Fantine, e de minha revolta contra a rigidez do inspetor Javert, de *Os miseráveis*. E da tristeza profunda despertada pelo sacrifício de Baleia, em *Vidas Secas*. Perguntava-me como alguns autores conseguem, por meio da composição de seu texto, por meio de combinações de palavras, construir personagens e histórias que eu e tantos outros sentíamos tão verdadeiras, tão próximas, personagens que quase se materializavam em pessoas de carne e osso e histórias que praticamente vivíamos em conjunto.

Enquanto minhas perguntas permaneciam sem lugar, desorientava-me tomar a lança do gigante Gargantua em guerra por um símbolo fálico, ou ler “O Vaso”, de Olavo Bilac, procurando luta de classes, ou aproximar uma rosa ao sexo feminino, até mesmo em: “Que há num nome? / O que chamamos rosa, sob outro nome teria igual perfume.”<sup>3</sup> (Julieta a Romeu, sobre ele ser um Montecchio). Ou ainda buscar informações sobre a vida do autor para explicar sua obra – ora, e se o escritor quisesse justamente criar-se outras possibilidades de vida, ainda que fictícias, por meio de seus textos?

Sendo essa a atmosfera trazida pela memória, em uma situação específica todos os estudantes se igualavam. Não importavam as afinidades e o percurso acadêmico sendo traçado, mais cedo ou mais tarde, to-

<sup>2</sup> “Curiosidade” me parece um sinônimo mais simpático de interesse, na medida em que a primeira mobiliza unicamente o saber, enquanto o segundo pode remeter a alguma forma de poder almejado.

<sup>3</sup> Tradução nossa para o trecho original: “What’s in a name? / That which we call a rose by any other name would smell as sweet.” (Shakespeare, *Romeo and Juliet*, ato II, cena II).

dos se encontrariam na fila do xerox, na incontornável fila do xerox, que consumia quase todos os intervalos. Foi numa dessas filas que, à minha frente, um aluno não desgrudava os olhos do livro que tinha em mãos. Ao ser atendido, aproveitei a pausa e lhe perguntei o que lia com tanta atenção: “– Um livro de semântica.” “– Você parece interessado. É bom?” “– Parece que é, um professor recomendou. Começa bem.” “– Gosto de questões semânticas, mas ainda não tive nada, no curso.” Mostrou-me a capa: *Semântica Estrutural*, A. J. Greimas. Ao final do semestre, fui à biblioteca e retirei o livro para ler nas férias. Despretensiosamente, o *imponderável* colocara-se em meu caminho.

## Semântica Estrutural

Parece-nos que o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado “humano” na medida em que significa alguma coisa.

(Greimas, 1976 [1966], p. 11)

Greimas propõe para as ciências humanas o denominador comum da pesquisa sobre a significação. Enquanto as ciências da natureza investigam o que são o ser humano e o mundo, as ciências humanas se debruçam sobre o que cada um significa. Nesse livro seminal, a semântica é apresentada como “a parente pobre” (Greimas, 1976 [1966], p. 12) da linguística, ora deixada para mais tarde, ora hostilizada, ambas as situações devidas à dificuldade de definição de seu objeto, ao mesmo tempo em que uma “onda” (p. 13) formalista dominava a cena. Seu estudo científico exigiria o enfrentamento de obstáculos teóricos e práticos.

Do ponto de vista teórico, Greimas enunciava como imprescindível encontrar-se o lugar da semântica no interior da linguística e se elaborarem métodos gerais, “compatíveis com qualquer outra pesquisa sobre significação” (p. 14), métodos, portanto, dotados dos mesmos postulados e utilizando-se de um mesmo corpo conceitual.

No tangente às dificuldades práticas, Greimas renunciava que a necessidade de uma metalinguagem precisa, unívoca, de definições rigorosas e interligadas corria o risco de “parecer igualmente pedante e supérflua” ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico” (p. 14), ou “insuficiente e excessivamente ‘qualitativ[a]’ aos lógicos e matemáticos”. Entre exigências conflitantes, opta pela meia distância, na expectativa de fomentar intercompreensão, embora consciente do risco de “descontentar a todos” (p. 14).

Relendo as quatro primeiras páginas desse livro, hoje entendo quão visionárias elas são para sua época. Greimas não apenas situou o que se precisava conquistar para tornar possível o estudo científico do sentido,

mas indicou as dificuldades teóricas e práticas, além de vislumbrar as possíveis críticas de grupos com quem o diálogo era a maior intenção.

Na primeira leitura, entretanto, foi o item “A primeira escolha epistemológica” que me encantou e se gravou como início do livro, e ao qual voltarei ao final. Pleiteando poucos pressupostos epistemológicos e gerais, Greimas prossegue:

É com conhecimento de causa que nos propomos a considerar a percepção como o lugar não lingüístico onde se situa a apreensão da significação. Assim procedendo, ganhamos a vantagem e o inconveniente de não poder estabelecer, no seu estatuto particular uma classe autônoma de significações lingüísticas, suspendendo dessarte a distinção entre semântica lingüística e semiologia saussuriana. (Idem, p. 15)

E, pouco adiante, abria a porta para o lugar que minhas perguntas buscavam, até então, em vão, nas incursões literárias. Ao afirmar que “[v]emos também que a explicação dos fatos estéticos se situa atualmente sobretudo no nível da percepção da obra, e não mais na exploração do gênio ou da imaginação” (p. 16), senti o conforto de quem encontra bons amigos numa longa viagem solitária.

Os destaques trazidos ocupam nem 5% da obra. Eis que uma descrição qualitativa da semântica é buscada, conceitos operacionais são apresentados desde o mais simples, todos de forma transparente, de modo que a honestidade da proposta se mostra inquestionável. A semântica, “reconhecida assim abertamente como uma tentativa de descrição do mundo das qualidades sensíveis” (p. 16), é definida como tendo por objeto uma língua natural, tomada como *conjunto significante*, isto é, um conjunto composto de qualidades-significante e qualidades-significado. As primeiras são atinentes ao plano de expressão, remetem ao mundo natural como acusado por um ou mais dos cinco sentidos (tato, visão, audição, paladar, olfato). As últimas instituem o mundo sensível enquanto significação na medida em que seus elementos constitutivos, “de diferentes ordens sensoriais”, forem “captados como significados” (p. 18).

O livro segue, dividido em doze partes, ou temas, cada um subdividido em capítulos rigorosamente concebidos com o objetivo de clareza e exaustividade. Após completar as condições para uma semântica científica, aborda a estrutura elementar da significação, discute língua e discurso, discorre sobre o conceito de manifestação, situa o nível semiológico, descreve o conceito de isotopia aplicado ao discurso, versa sobre a organização do universo semântico, investe na descrição da significação, examina os procedimentos de descrição, reflete sobre os modelos actanciais, desenvolve modelos de transformação e conclui com uma análise à guisa de exemplo: a descrição do universo de Bernanos.

A obra atribui à percepção o lugar da apreensão da significação, um lugar não linguístico, atenta à *geração* do sentido, ao propor-lhe um percurso gerativo e vincula a questão da significação a uma gramática da narratividade. *Semântica Estrutural*<sup>4</sup> é de leitura árdua, ao mesmo tempo que um clássico imperdível.

## Reencontro

Para ingressar no Mestrado, eu devia escolher um entre dois projetos, se é que o segundo merecesse esse nome. Por um lado, uma proposta amarrada na prática. Como professora de inglês há anos, havia feito um estágio de especialização em Saffron Walden, cidadezinha próxima de Cambridge, com bolsa do Conselho Britânico. Era o início do emprego do computador no ensino, tempo em que nos perguntávamos se determinado *software* educativo era ou não eficiente. Durante minha estadia, fiz o levantamento de todos os programas dirigidos à aprendizagem de inglês como língua estrangeira produzidos por Oxford e Cambridge até então. Naquele momento, havia pouco mais de duzentos desses programas, divididos em três formatos rudimentares de questões e respostas (lacunas, respostas sim/não ou múltipla escolha). Com base nesse trabalho, eu queria elaborar software educativo mais inteligente e testar os programas em aulas de inglês para brasileiros. Eu tinha parte da pesquisa prévia, os alunos, a concordância do responsável pela escola de línguas e disposição para aprender a programar. Por outro lado, eu queria estudar “o sentido”. Vago assim mesmo. Almejava entender o que é o sentido. Se possível, “o sentido da vida”. Não era apenas uma ideia vaga, era também megalômana.

Nas inscrições, foram abertas duas vagas para “linguística computacional” e nenhuma para semântica. No mestrado, como parte dos créditos, cursei uma disciplina intitulada “Abordagens Semânticas”, ou algo próximo. Estudamos Chomsky, Lyons, Rastier, Rosch, Rossi-Landi, entre outros. A disciplina durou quase um ano, embora fosse semestral. O grupo permaneceu comprometido até cumprirmos o programa, que era generoso e ambicioso. Aprendemos muito e entendi que “semântica” como um grande guarda-chuva teórico não me arrebatava. Em nenhuma das abordagens figurava a “semântica estrutural”.<sup>5</sup>

Anos depois, já no doutorado, cursei a disciplina “Semiótica Narrativa” da professora Diana Luz Pessoa de Barros, hoje, Professora Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Semestre rico, construí confiança em minha capacidade de analisar textos. Pela primeira vez, eu compreendia o

que era esperado de uma análise e, melhor, podíamos discuti-la e refiná-la. Éramos um grupo trabalhando em conjunto sobre um texto, ainda que separadamente. A metalinguagem causava dificuldades, mas, uma vez que nos familiarizássemos, ela nos permitia abordar um objeto com rigor e respeito – sim, respeito pelo objeto –, ao limitar a possibilidade de leituras impressionistas ou mesmo idiossincráticas. Tínhamos a chance e a obrigação de “morder o texto”, parafraseando Greimas em um de seus célebres bordões: “é preciso *morder o real!*”.

Aos poucos, a história da semiótica francesa, antes semântica, foi se tornando familiar a mim e me permitiu compreender algumas das razões pelas quais a teoria me cativou.

## Olhar o passado, entender o presente

Conta Dosse (1993, p. 83), sem meias palavras, sobre o desenvolvimento da linguística na França, na primeira metade do século XX:

Na França, a efervecência lingüística tal como se manifesta na Europa nos anos 30 não tardou em conhecer prolongamentos, mas uma distorção vai causar problemas. A lentidão institucional vai frear a implantação universitária da linguística moderna: esta vai sitiar a fortaleza da Sorbonne mas sem êxito. Será necessária uma verdadeira estratégia de assédio para lograr uma vitória difícil diante das posições bem estabelecidas do mandarinato acadêmico.

No subcapítulo intitulado “A periferia sitia o centro” (Idem, p. 85-87), Dosse apresenta uma Sorbonne surda às novidades no campo da linguística<sup>6</sup> e desinteressada em formar centros de pesquisas, nos anos 1950, enquanto a dinamicidade dos centros de Estrasburgo (filologia neolatina) e Besançon (lexicologia) produzirá encontros acadêmicos, mesas-redondas, colóquios, atas, revistas. Como afirma o autor (p. 85), “essa atividade intensa é ignorada, evidentemente, pela Sorbonne, mas começa a fazer-se conhecer mediante suas publicações”.

Enquanto esses centros de pesquisa distantes de Paris abrem a França para o novo e para encontros anuais entre linguistas franceses e estrangeiros, no outro extremo do eixo abertura-fechamento, no cerne das humanidades clássicas, onde se encontram os estudiosos da literatura – área historicamente privilegiada – vigora o fechamento na tradição de estudos da história literária. Para estes, sempre segundo Dosse (1993), qualquer alusão a método científico ou lógico

<sup>4</sup> Lamento, somente, que sua tradução para o português tenha problemas.

<sup>5</sup> Que eu entendia como uma vertente semântica, ao lado de semântica formal, funcionalista, gerativa...

<sup>6</sup> Não é despropositado sugerir um paralelo com as humanidades da USP, instituição de fundação e tradição francesas.

era categoricamente rechaçada, por ser vista como inadequada ao campo literário. Esse fechamento, por um lado, impede e atrasa o desenvolvimento da reflexão teórica na literatura e, por outro, freia a ocupação de postos de trabalho por linguistas, em universidades. Quanto mais tradicional a universidade, maior a resistência ao novo e o fechamento na tradição; a Sorbonne representava o ápice desse movimento de clausura.

Greimas, que havia estudado Letras em Grenoble antes da Segunda Guerra, voltara à Lituânia para o serviço militar e lá permanecera durante a guerra. Retorna à França em 1945 para fazer seu doutorado na Sorbonne. Percebendo o pequeno apreço pela linguística que a instituição reservava, mergulhou na elaboração de sua tese “La Mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d’après les journaux de mode de l’époque”<sup>7</sup>, defendida em 1948, e partiu para o Egito, ocupando o posto de leitor em Alexandria entre 1949 e 1958. É nesse período que se torna amigo de Barthes, estuda Saussure, descobre Hjelmslev e se reúne semanalmente com outros pesquisadores, para discussões principalmente de cunho epistemológico. De Alexandria vai para Ankara e Istambul, e, em seguida, Poitiers, onde chega em 1962.

Durante esses treze anos fora da França e mais 3 em Poitiers, ao cultivar o gosto pelas reuniões semanais com o grupo de Alexandria, manter contato com o amigo Barthes e frequentar as atividades de verão do Centro de Pesquisa em Lexicologia, de Besançon, torna-se um membro ativo e respeitado da “periferia” que vai sitiando o “centro”.

Chegamos ao momento com o qual abrimos estas reflexões, 1965, início da carreira na École de Hautes Études en Sciences Sociales. Em 1966, Greimas publica *Sémantique structurale* (1966) [*Semântica Estrutural*, 1976]. No início dos 1970, o círculo de semiótica e sua dinâmica de trabalho estão estabelecidos. A série “Documents” e as “Actes Sémiotiques” são publicadas. Várias análises semióticas – imanentes – da literatura, em oposição às abordagens históricas ou comparativas, vêm a público, conquistam adeptos, simpatizantes e desafetos. A semiótica vai ampliando seu escopo para além do texto literário, como o âmbito visual, a sociedade, práticas etc. O círculo produz regularmente trabalhos sólidos, e seus achados realimentam as discussões teóricas. A semiótica francesa está em pleno desenvolvimento e continuará como construção coletiva por quase vinte anos, quando suas ramificações darão sinais de despontar.

Greimas morre.

Gradualmente, as reuniões do círculo se tornarão espaço de discussão de um tema selecionado para o

ano, pela perspectiva semiótica encampada pelo apresentador. Os encontros serão mais e mais referidos por “seminário de semiótica”. Há quase cinquenta anos, transformando-se de círculo de semiótica a Seminário Internacional de Semiótica, parte dos componentes da formação inicial segue se encontrando quinzenalmente e discutindo propostas e desenvolvimentos uns dos outros. Por quê?

Curiosamente, é Eric Landowski, provavelmente o membro do antigo círculo cuja rotina de trabalho é a mais individualizada e propositalmente solitária, quem avança uma resposta coletiva em forma de perguntas. Inquire se o vínculo com a semiótica de Greimas se daria por fé na validade do método, que se provou pertinente e demandaria apenas aplicação fiel. Sem que a primeira pergunta o satisfaça, aprofunda a abordagem:

[...] Ou, na realidade, não seria, antes, um interesse razoado e crítico diante de um corpo de proposições, de conceitos, de hipóteses, de intuições que, por permanecer aberto e precisar ser prolongado, nos incita e ao mesmo tempo nos ajuda a inventar nosso próprio caminho em busca do sentido? Mas não haveria também, de nossa parte, mais profundo que tudo isso, uma afinidade com um estilo de reflexão, com uma visão de mundo e certa ética do sentido, de tal modo que essa semiótica que praticamos tornar-se-ia para nós algo quase como uma “forma” ou, pelo menos, um “estilo” de vida? (Landowski, 2017, p. 13)

Acredito que a resposta é sim, principalmente para as duas perguntas em citação. É vital o caráter aberto e rigoroso que o arcabouço teórico oferece, pois, assim, prolongamentos teóricos e busca individual do sentido se alimentam mutuamente, ou, no limite, tornam-se uma e a mesma coisa. Além disso, ter “afinidade com um estilo de reflexão” é quase o mesmo que encontrar um estilo de pensamento com o qual se harmonize (ver Landowski, 2017, p. 5), “visão de mundo” é mais amplo, porém tem uma relação de mão dupla com o repertório constituído e em construção. Já “uma certa ética do sentido” é algo que entendi e aprendi ao aplicar com rigor a metodologia semiótica, ao constatar que ela torna possível *morder o real* ao mesmo tempo em que respeitamos o objeto de análise.

## Prolongamento(s)

Aproxima-se a hora de fechar esta homenagem, em forma de um texto curto, mas que espero capaz de compartilhar o quão significativo foi para alguém o encontro com o pensamento de Greimas. Não conheci Greimas pessoa. Minha opção teórica se deu poucos meses antes de um dia despertar – uma manhã como tantas – pegar o jornal e ver noticiado seu falecimento.

<sup>7</sup> Defendida como tese principal – “Doctorat d’État de l’Université de Paris”. Republicada em Paris, após revisão de Thomas Broden, pela PUF, na Coleção “Formes Sémiotiques”, 2000, 255p.

Entro na última etapa deste percurso, seguindo outra daquelas frases fortes de Greimas, significando um conselho ou ordem: “Levante o olhar!”. Levanto o olhar e dedico as últimas páginas à função da percepção na produção dos sentidos e à figuratividade, conceito que pede maior reflexão, por ter papel desde a percepção até o nível discursivo e, conseqüentemente, ter uma característica transversal (palavra minha) ao percurso gerativo do sentido. São Greimas e Courtés, no *Dicionário de Semiótica* (1983), verbete “mundo natural”, que dão sustentação à ideia:

[...] as línguas naturais basicamente enformam e categorizam o mundo exterior procedendo a seu recorte. Não seria correto, porém, adotar a atitude extrema que consiste em afirmar que o mundo natural é um “mundo falado” que só existiria, enquanto significação, pela aplicação sobre ele das categorias linguísticas [...] o mundo natural é uma linguagem figurativa, cujas figuras – que encontramos no plano do conteúdo das línguas naturais – são feitas das “qualidades sensíveis do mundo e agem diretamente”<sup>8</sup> – sem mediação linguística – sobre o homem. (Greimas; Courtés, 1983, p. 291-292)

E reitero, com Landowski (2017, p. 88), citando Greimas entre suas palavras:

[...] a figura emana das articulações plásticas imanentes ao mundo sensível. Essa redefinição apoia-se exatamente na ideia avançada em *Semântica Estrutural*, segundo a qual as qualidades do mundo sensível, organizadas em “um conjunto de categorias e sistemas sêmicos situados e apreensíveis ao nível (*sic.*) da percepção” (Greimas, 1966, p. 64, grifo nosso), “representam a face externa, a contribuição do mundo exterior ao nascimento do sentido” (Idem, p. 65).

O primeiro ponto a destacar é a referência de Greimas à percepção como canal ou lugar pelo qual o mundo exterior contribui com a emergência do sentido. Alguém pode perguntar: “– Mas e a imanência?”. Landowski a destaca ao situar as articulações plásticas como atinentes ao mundo sensível. Mas a pessoa poderia insistir: “– Ora, a análise narrativa não está no nível do mundo sensível, mas dependeria dele?”

Sim. Em minha leitura, o que ocorre é que Landowski sublinha a imanência no nível do mundo sensível – aqui, falta na semiótica reflexão sobre a relação do

mundo sensível-inteligível<sup>9</sup> com o nível fundamental –, enquanto Greimas a exige no nível das análises narrativas e discursivas, portanto, no âmbito da metodologia de análise. Entre um e outro, prevê-se a “conversão”, ainda não devidamente compreendida.

Se admitirmos que contribuição do mundo exterior ao nascimento ou à emergência do sentido transcende ao nível dos modelos narrativos, encontramos a ‘força motriz’, a ‘energia’, ou o ‘necessário’ para a conversão do nível sensível-inteligível fundamental, para os níveis narrativo e discursivo. Tal hipótese, porém, não cabe ser desenvolvida aqui.

Voltemos à percepção ainda por um pouco.<sup>10</sup> Em artigo de 1999 sobre o livro de Greimas *De l’Imperfection* (1987), agora traduzido para o português e publicado em Landowski (2017), intitulado “Da Imperfeição, o livro do qual se fala”, o autor avança “a necessidade de superarmos a concepção dualista – ‘sensitivo’ versus ‘cognitivo’ que a mais ampla tradição filosófica nos impõe como ponto de partida” (Landowski, 2017, p. 106), para tratarmos a emergência do sentido na estesia. Além disso, uma mudança de perspectiva se impõe, que é a de substituir a ideia de que algo *tem* sentido pela de que algo *faz/produz* sentido, em outras palavras, é necessário passar do sentido construído para sua construção (Idem, p. 142), na abordagem do mundo natural.

Greimas (1984, p. 10) não apenas autoriza como encoraja esse posicionamento, ao aventar o que ocorre na semiose *que consiste em uma leitura iconizante*:

O exame mais atento do ato de semiose mostrará bem que a operação principal que o constitui consiste na seleção de certo número de traços visuais e sua globalização, a apreensão simultânea que transforma o conjunto de traços heterogêneos em um formante, isto é, em uma unidade do significante, reconhecível, tão logo se enquadre na grade do significado, como a representação parcial de um objeto do mundo natural.<sup>11</sup>

Nove anos mais tarde, o mestre lituano dedica um livro inteiro ao sentido em construção, ao processo de fazer sentido, na estesia: “eis aí uma sequência de vida ‘vívida’ como uma sucessão ininterrupta de escolhas

<sup>8</sup> A ideia de que as figuras do mundo natural agem *diretamente* sobre o homem é sujeita a discussão, sobretudo desde a publicação de *Groupe μ*, *Principia Semiotica: aux sources du sens* (Bruxelas: Les Impressions Nouvelles, 2015) e de Harkot-de-La-Taille, E.: *Sentir, saber, tornar-se: estudo semiótico do percurso entre o sensorio e a identidade narrativa* (São Paulo: Humanitas, 2015). Se Greimas e Courtés (1983) empregam “diretamente” apenas como sinônimo de “sem mediação linguística”, inserido como aposto, estamos de acordo, ainda que a formulação não tenha a precisão costumeira dos autores. Para o *Groupe μ* (2015) e para Harkot-de-La-Taille (2015), as figuras do mundo natural são “traduzidas” pelos sentidos do corpo e afetam o ser humano enquanto respostas provocadas pelos estímulos externos. Não agem, portanto, “diretamente... sobre o homem”, mas passam pela mediação dos sentidos.

<sup>9</sup> Embora Greimas e Landowski sempre refiram tão somente o mundo *sensível*, em nossa relação com o mundo natural, concordo com *Groupe μ* (*Op. Cit.*), que prevê, diferentemente, uma mediação dos sentidos sobre os estímulos permitindo o delineamento de categorias classificatórias dos traços sensoriais. A categorização é necessária e exige recortes do vivido, o que demanda atuação inteligível sobre os traços sensoriais recortados. Por isso, passo a empregar mundo sensível-inteligível.

<sup>10</sup> Para uma discussão aprofundada, ver Harkot-de-La-Taille (2015).

<sup>11</sup> Tradução nossa para o trecho original: “L’examen plus attentif de l’acte de sémosis montrerait bien que l’opération principale qui le constitue est la sélection d’un certain nombre de traits visuels et leur globalisation, la saisie simultanée qui transforme le paquet de traits hétérogènes en un formant, c’est-à-dire en une unité du signifiant, reconnaissable, lorsqu’elle est encadrée dans la grille du signifié, comme la représentation partielle d’un objet du monde naturel.”

que conduz pouco a pouco à *construção* de um objeto de valor” (Greimas, 1987, p. 80, grifo meu).<sup>12</sup>

De *l’Imperfection* [*Da imperfeição*, 2002], ao dirigir seu foco à estesia e evocar o papel da percepção na construção do sentido, recoloca a figuratividade na arena dos debates semióticos. Como escreve Landowski (2017, p. 36), “além do ‘prazer do texto’, ele nos dá, entre outras coisas (e sempre em *Da Imperfeição*), o esboço de uma teoria da figuratividade. E, sem proclamá-lo, toma semioticamente posição sobre os problemas da percepção, da *estesia*, da relação sujeito-objeto na experiência vivida”.

Desde *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), a figuratividade é apontada como mais complexa do que apenas participante da semântica discursiva. Se *De l’Imperfection* (1987) esboça uma teoria para ela, o problema está colocado com clareza crescente já em Greimas (1984), texto na verdade escrito seis anos antes, em 1978, “*Sémiotique figurative et sémiotique plastique*”. Por exemplo, na página 9 desse texto, quando o semioticista se pergunta o que, no espetáculo do mundo, é-nos “naturalmente” (aspas do autor) dado ou imediatamente legível, avança a ideia de que sejam as figuras constituídas pelos traços de sentidos (sensórios) distintos. Seria um erro, diz Greimas, considerar essas figuras objetos, a não ser que o traço semântico “objeto” venha se unir a elas, que, então, transformam-se em objetos. E, mais adiante, numa colocação ainda mais transparente:

[...] se a abordagem figurativa dos objetos é apenas um meio parcial (de parte e parcialidade) de sua compreensão, a figuratividade e as interrogações que a acompanham parecem ultrapassar os limites que o suporte plano, lugar de sua manifestação, quer lhe atribuir: levando em conta o fato de que as qualidades do mundo natural, selecionadas, servem à construção do significante dos objetos planos, mas que aparecem ao mesmo tempo como traços do significado das línguas naturais, vemos que os discursos verbais carregam em si próprios sua própria dimensão figurativa, só que as figuras que a constituem são figuras do conteúdo e não figuras da expressão.<sup>13</sup> (p. 11)

Finalmente, para concluir, evoco a concepção das duas figuratividades, como descritas por Landowski (2017, p. 95-97), a partir de sua leitura de “*Sémiotique figurative et sémiotique plastique*”, e apresento sucintamente meu modo de as entender, deixando a questão em aberto, num convite ao leitor e à leitora para participarem do debate.

<sup>12</sup> Tradução nossa para o trecho original: “[...] voilà une séquence de vie, ‘vécue’ comme une suite ininterrompue de choix et aboutissant petit à petit à la construction d’un objet de valeur.”

<sup>13</sup> Tradução nossa para o trecho original: “[...] si l’approche figurative des objets visuels n’est qu’un moyen partiel - et partiel - de leur compréhension, la figurativité elle-même, et les interrogations qui l’accompagnent, semblent dépasser les limites que le support planaire, lieu de leur manifestation, veut lui assigner : en tenant compte du fait que les qualités du monde naturel, sélectionnées, servent à la construction du signifiant des objets planaires, mais qu’elles apparaissent en même temps comme des traits du signifié des langues naturelles, on voit que les discours verbaux portent en eux-mêmes leur propre dimension figurative, à ceci près que les figures qui la constituent sont des figures du contenu et non des figures de l’expression.”

Landowski (Idem, p. 97) concebe a figuratividade, no sentido genérico, como atinente ao nível discursivo e subdividida em duas: a das formas “figurativas”, que “têm” significação, comporiam a “figuratividade *stricto sensu*, dita de superfície, que é objeto da “leitura”; e a das formas “plásticas”, que “fazem sentido”, constituiriam a “figuratividade” *lato sensu*, dita profunda, que é objeto da “apreensão”.

De meu lado, entendo a figuratividade, no sentido genérico, como transversal ao percurso gerativo do sentido, conforme já dito. A figuratividade relacionada às figuras do mundo natural, a profunda, que contribui para o nascimento do sentido, enquanto figuras de expressão, a que “faz” sentido, ressurgem no nível discursivo como figuras de conteúdo, as que “têm” sentido e que resgatam a motivação inicial às figuras de expressão. Admitindo que tal compreensão se sustenta, a figuratividade genérica se constituiria como um elemento capaz de dinamizar o percurso gerativo e, conseqüentemente, participar da operação de conversão.

No mínimo, nos “Quadros de uma exposição”, de Mussorgsky, em que estímulos visuais, plásticos foram “traduzidos” em notas musicais, ritmos e timbres, mesmo sem conhecer “O velho castelo”, de Viktor Hartmann, a interpretação da música homônima pela Filarmônica de Berlin, conduzida por Claudio Abbado, suscitará a figura de um grande castelo colorido, possivelmente no verão, cheio de vida; já, interpretado ao piano, por Evgeny Kissin, um castelo elegante, de menores dimensões, quieto, talvez vazio; e, finalmente, por Emerson, Lake & Palmer, não mais um castelo, mas suas ruínas, vistas cômodo a cômodo, como por alguém sendo perseguido e querendo se esconder. ●

## Referências

Dosse, François  
1993. *História do estruturalismo*. Volume I: O campo do signo (1945-1966). Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Campinas: Ed. da Unicamp (Ensaaios).

Greimas, Algirdas Julien  
1976 [1966]. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix. [Ed. fr. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse].

Greimas, Algirdas Julien

1984. *Sémiotique figurative et sémiotique plastique*. *Actes Sémiotiques*. Documents, VI, 60. Republicado em *Actes Sémiotiques*, 119, 2016. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/pdf/5507>

Greimas, Algirdas Julien

1987. *De l'Imperfection*. Périgueux: Fanlac. [Ed. br. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002].

Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph

1983. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, s/d.

Kuhn, Thomas S.

2006. *O caminho desde a estrutura 1970-1993* (com entrevista autobiográfica). Trad. César Mortari. São Paulo: Editora UNESP.

Landowski, Eric

2017. *Com Greimas: interações semióticas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisas Sociossemióticas.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Harkot-de-La-Taille, Elizabeth

Why Greimas?

*Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *A small number of factors influence our academic choices. As students, we all have inclinations, such as the subjects we like most; expectations, like the kind of expertise we want to acquire; a style of thinking, which contributes to feeling at ease, say, with cognitive semantics, but not with other branches. These factors orient our choices and help build up our repertoire, which may in turn substantiate them. That is not all, though. The imponderable may turn up and reinforce or divert previous choices. By chance, one day I came across Greimas's "Structural Semantics", a book that not only soothed some of my student's restlessness, but also presented new perspectives, among which the "natural world" as having a role in the "birth" of meaning and an initial discussion on figurativity, both in the "natural world" and in discourse. The former, figurativity in the "natural world", referred to the information our five senses provide us with about the world, while the latter dealt with the images evoked at the discourse level. Here, the complexity of the concept of figurativity is pointed out and presented from two points of view. Besides, it is suggested that figurativity is transversal to the generative trajectory of meaning, and thus provides the "energy" needed for the conversion from one level upwards (towards the surface). The intention of encouraging such debate underlies most of this contribution.*

**Keywords:** *Structural Semantics ; figurativity ; natural world ; five senses ; conversion*

---

### Como citar este artigo

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. Por que Greimas?. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 12–21. Disponível em: { [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) }. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 30/10/2017

Data de sua aprovação: 24/01/2018

---